

SIM SENHOR, NÃO SENHOR: A MÚSICA COMO RECURSO PARA FALAR DO NEGRO E TRABALHAR A CRITICIDADE NA FORMAÇÃO DE POLICIAIS MILITARES

Yes lord, lord not: music as a resource for blackboard speaking and to work criticality in police military formation

Roberta Santos de Almeida¹, Danielle Marinho Brasil
1.robertta_santos22@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho através de um relato de experiência, mostra como a música em seus vários meios de existência pode ser utilizada como instrumento para falar de questões raciais na disciplina Diversidade étnico racial, criada especificamente para falar do negro para uma turma de policiais militares na Paraíba. A música contribuiu também para desenvolver a criticidade neste universo fechado que é o militarismo que dificulta a seus integrantes o pensamento crítico e consequentemente o trabalho na rua com a sociedade. Desenvolver a razão através da música no universo militar surge como uma necessidade para falar do negro e melhorar a formação do profissional. Através das músicas: mulheres negras cantada por Yzalu e da música Strange Fruit cantada por Billie Holiday foi possível atrair atenções, discutir outra realidade e acima de tudo pensar. Como resultado os próprios alunos perceberam a importância da disciplina não apenas pelo conteúdo, mas por valorizar sua capacidade racional sobre a realidade. A partir de Paulo Freire com sua pedagogia libertadora (2008), de autores como Airton Edno Ribeiro (2009) e Roberto Kant de Lima (2003) que conhecem os problemas da educação militar e de Lília Moritz Schwarcz (2012) que fala sobre o racismo no Brasil, foi possível desenvolver este trabalho. Palavras chaves: Educação Militar. Racismo. Música.

Abstract

This work through an experience report shows how music in its various means of existence can be used as a tool to talk about racial issues in racial ethnic diversity course, created specifically to talk about the black for a group of military police in Paraíba. Music also helped develop criticality in this closed universe that is militarism that hinders its members critical thinking and consequently work on the street with society. Develop the reason through music in the military world is a necessity to talk about the black and improve professional training. Through music: black women sung by Yzalu and music Strange Fruit sung by Billie Holiday was possible to attract attention, to discuss another reality and above all think. As a result the students themselves realized the importance of discipline not only the content, but to value their rational capacity of reality. From Paulo Freire with his liberating pedagogy of authors such as Airton Edno Ribeiro and Roberto

Kant de Lima who know the problems of military education and Lilia Moritz Schwarcz that talks about racism in Brazil, it was possible to develop this work.

Palavras chaves: Educação Militar. Racismo. Música.

Introdução

Diante de uma formação fechada e eminentemente militar surge a necessidade de ressaltar novas tecnologias a fim de garantir maior interesse dos alunos e maior produtividade nas aulas de forma geral e em especial nas aulas voltadas para a questão étnico racial. Torna-se relevante enfatizar formas que propiciem um maior ganho de conhecimento e acima de tudo para trabalhar o desenvolvimento crítico dos alunos. A música e seus elementos como letras, vídeos e imagens relativas a ela, surgem como um recurso especial neste processo para trabalhar a relação do negro na sociedade de uma forma que possa ressaltar a capacidade crítica e racional dos alunos da Polícia Militar diante da realidade brasileira. Com as novas especificidades do trabalho policial que cobra desses raciocinar sobre suas atitudes é necessário largar vários vícios presentes no ensino ainda eminentemente bancário e buscar desenvolver a capacidade dos profissionais de segurança para pensarem durante a execução do seu trabalho.

É indiscutível em um país onde o mito da democracia racial obscurece o fato do racismo ainda está presente na sociedade e que atingi instituições como a Polícia Militar, a necessidade de criar meios para falar de questões da cultura negra de maneira que possa atingir de forma mais efetiva a vida de todos os alunos e alunas que em sociedade durante a execução do seu trabalho são responsáveis por garantir os direitos da comunidade negra. A música negra escrita com forte crítica social que existe no Brasil e no exterior enaltecendo a luta do povo negro e sua opressão constitui um excelente instrumento para trabalhar as questões raciais no universo de sala de aula.

Por muito tempo existiu a ideia fechada dentro da instituição em relação ao pilar da hierarquia que apenas aos oficiais caberia pensar para assim liderar os demais militares no exercício da profissão. Tal pensamento por sua vez se mostra contraditório pois o ensino fechado e eminentemente técnico ao estilo bancário, presente nas instituições militares limita até mesmo que os oficiais possam pensar durante sua formação, a qual se prende muito mais a execuções de ações previstas em manuais, através da massificação de atos padronizados. A complexidade da vida cotidiana e a necessidade que o policiamento deva atuar em uma área cada vez mais ampla de situações constrói a necessidade que todos aprendam a pensar, até mesmo para entender e melhor executar as ordens, para definir as melhores instruções a repassar, bem como para melhor lidar com as diversas situações que o serviço diário apresenta e que os manuais da formação ainda não conseguiram prever antecipadamente.

Falar sobre diversidade étnico racial parece um excelente forma de iniciar o desenvolvimento do pensar em sala de aula militar, o que contribui também para que o racismo possa ser visto não apenas como algo distante e observa-lo como algo que de fato está mais próximo. Desenvolver questões raciais no universo de sala de aula sem enfatizar o diálogo, trocas de experiências e o raciocínio sobre a realidade torna a aceitação do conhecimento ainda mais difícil. Existe uma relutância em sala de aula em estabelecer um entendimento sobre as questões raciais, pois a grande maioria não acredita que de fato o racismo ainda esteja presente na sociedade.

Em razão dessas questões esse relato de experiência busca mostrar como foi o uso da música para falar de diversidade étnico racial de forma sempre questionava enfatizando o racionalismo, para alunos da Polícia Militar da Paraíba. Amparando-se em autores como Paulo Freire com sua pedagogia libertadora, Airton Edno Ribeiro e Roberto Kant de Lima que conhecem os problemas da educação militar e de Lilia Moritz Schwarcz que fala sobre o racismo no Brasil entre outros autores que permitiram a construção de um referencial teórico apropriado para em seguida desenvolver a metodologia empregada na experiência realizada na sala de aula de um curso de formação de soldados. Por fim antes das considerações finais do trabalho foram explicados resultados por meio da descrição da recepção dos alunos as técnicas utilizadas e o favorecimento dessas técnicas para um diálogo mais amplo com os alunos sobre os temas propostos.

Referencial teórico

Hegel (2001) colocou a música e a poesia como definições de arte. Nesta época o que se entendia por música se resumia a um conjunto de sons com harmonia e melodia. Provavelmente por este motivo o mesmo criou uma hierarquia entre a música e a poesia. Onde para ele a poesia seria superior a música. Hegel (2001, p.34) falou em sua estética que arte deveria morrer quando afirmou que esta já não é mais: “o modo mais alto do absoluto se tornar consciente” devendo ser portanto esta substituída pelo pensamento e a reflexão.

Não saberia ele que alguns séculos depois a poesia e música se uniriam não apenas para expressar o belo, mas para contestar com a realidade reinante e servir como signo de luta de um povo.

O homem ou a mulher do morro faz da música poesia e reflexão sobre a realidade do negro nas comunidades, paulistas e cariocas e nas serras do horizonte de Brasília. A música no Brasil hoje não é só ritmo, melodia, letra rimada é o pensamento de um povo sufocado pela violência que um estado interpõe por meio dos seus cavaleiros armados de PT 100, kevlar no peito e borracha nos pés atuando como intermediários de uma nova forma de escravidão contra o negro diante da realidade reinante atualmente.

No Brasil de hoje permanece a ideia da democracia racial divulgada por Gilberto Freyre (1933) que afirma não haver preconceito racial no Brasil, pois o Brasileiro nasceu da miscigenação entre o negro, o índio e o branco. Tal premissa falaciosa se confronta na verdade com uma realidade onde o branco nega ser racista e ainda “O branco cumprimenta o negro, abraça-o, manifesta-lhe amizade, mas deixa-o mergulhar nas camadas mais baixas da sociedade, sem entender-lhe, no seu orgulho étnico, uma mão caridosa para fornecer-lhe a ascensão” (BASTIDE; FERNANDES, 1971, p. 149).

Diante dessa realidade por volta dos anos de 1950 e 1960 os escritores do projeto da Unesco defendiam que a teoria da Democracia racial era um mito, uma vez que a sociedade continuou valorizando o brasileiro que tivesse a cor branca e renegando ao negro os setores periféricos e a marginalidade. A miscigenação propagada pela teoria da Democracia racial só era interessante quando o indivíduo era de cor branca, servindo como uma estratégia de dominação que buscava calar a comunidade negra em relação ao preconceito que sofria.

No livro o atlântico negro (GILROY, 2012), podemos observar a importância da música como manifestação da realidade negra e mecanismo de reafirmação da cultura negra frente a imposição da cultura branca e a ideologia de branqueamento que acreditava que através da miscigenação seria possível expurgar o mal negro (SCHWARCZ, 2012). O atlântico negro é uma forma de unir as diferentes culturas negras presentes e fazer do negro agente de sua história e condutor da realidade pela qual vive diretamente sobre a forma de crítica melódica que ultrapassa os limites da escrita.

Podemos ouvir através de cantores e cantoras brasileiros com seus estilos e letras próprias, como a realidade do negro se mantém inalterada. No Brasil o rap se destaca conduzindo uma crítica social profunda da realidade do brasileiro. Nos traz músicas defendendo a questão da autoafirmação do negro e denunciando o racismo pelo qual este é vítima diariamente no Brasil (HINKEL; MAHEIRIE, 2007). Aspecto considerado por Jaison Maheirie e Kátia Hinkel (2007, p. 92) abaixo:

Falar sobre Rap remete, impreterivelmente, ao Grafite (arte plástica) e ao Break (dança), elementos que juntos formam o Movimento Hip-Hop. Este movimento juvenil possibilitou uma crítica social a respeito das questões vivenciadas no cotidiano das periferias, como a desigualdade sócio-econômica, a discriminação racial e a violência, tomando a arte como instrumento de engajamento político capaz de re-elaborar o cotidiano e permitir a re-construção da identidade negra.

A música, seja através da sua letra separadamente ou em conjunto com as imagens que os artistas utilizam atualmente para divulga-las, o chamado vídeo clip, pode ser mecanismo dentro das unidades militares para que o policial possa enxergar por outro lado os estereótipos antes formados do negro como bandido. Para aproximar o aluno militar de um ambiente que a estrutura formal da polícia ensina, mesmo que em certas polícias através de currículos ocultos como sendo uma cultura de marginal e ser inferior (SILVA, 2009; SCHWARCZ, 2012). Trata-se de um

mecanismo útil para romper com as falhas ou insucessos de Polícia Militar para atuar de forma mais humana para com o negro.

Mesmo aos formados com anos de experiência na instituição são da responsabilidade do Estado, em contribuir para favorecer que estes profissionais que estão na rua contribuam para a valorização dos direitos de cada cidadão incluindo o negro, combatendo qualquer forma de preconceito, sendo a educação o melhor mecanismo para esse fim. O preconceito é uma realidade social, logo, é ilusório achar que numa seleção de mil homens ou mais não passaram um grande número permeado pelos preconceitos que fazem parte da sociedade. Os próprios professores formadores podem contribuir para esta visão preconceituosa e transmitir aos alunos através dos currículos ocultos ou diretamente.

De acordo com Paula Poncione (2007) e Roberto Kant de Lima (2003), tal cenário de inconformismo com a violência, e de aceitação de propostas segregárias, como o racismo na sociedade, favorece para que esta crie a ideia de que se está vivendo em uma guerra contra o crime, ao qual assiste pacificamente enquanto negros e policiais se destroem. Roberto Kant de Lima (2003) ainda assegura que neste contexto os Policiais Militares assumem para si o papel de heróis. Tal proposição nos leva a premissa de que aos negros cabe a imagem de bandidos.

Dentro das salas de aula da polícia é repetido pelos próprios alunos que trouxeram da sociedade seus preconceitos e que em boa parte dos cursos realizados no Brasil não recebe educação adequada para tratar com respeito e de forma não marginalizada os pobres e negros. Segundo Airton Edno Ribeiro (2009), era obrigatório o ensino da disciplina Ações Afirmativas e Igualdade Racial em todos os cursos da Polícia Militar de São Paulo. No entanto, Airton Edno Ribeiro (2009) traz em sua dissertação o relato de um soldado recém formado afirmando que ao realizar o curso de formação de soldados, esta mesma disciplina teria sido realizada por um sargento que em suas aulas apenas contava histórias sem ministrar conteúdo, não tendo este militar aprendido nada além do que lhe foi cobrado em prova, cujo assunto foi estudado em uma apostila providenciada poucos dias antes da prova a ser realizada por indicação do professor.

Tal fato demonstra que algumas iniciativas das polícias do Brasil para mudar perspectivas quanto o racismo são apenas formas de propaganda institucional que na prática não se realizam. Airton Edno Ribeiro (2009) relata que ficou clara a preferência na sua pesquisa para que o negro seja o escolhido nas abordagens policiais. Este ressalta ainda que os policiais ao tentarem justificar a sua preferência quando da abordagem, declaram ser o “tirocínio” quem decide a quem abordar, em um procedimento padronizado.

O chamado “tirocínio” torna ainda mais claro a noção de que ideias e preconceitos anteriores até mesmo à formação podem influenciar nas escolhas dos profissionais de segurança. Podemos aqui aplicar a máxima defendida por Roberto Kant de Lima (2003), que defende ser a grande diferença entre o profissional de segurança pública e o indivíduo responsáveis por crimes, o treinamento profissional oferecido pelo Estado ao primeiro. A falta de uma educação adequada facilita para que os mesmos mantenham e até sedimentem seus estereótipos aprendidos socialmente.

Quanto à padronização cabe uma intervenção importante, pois o procedimento é padronizado porque assim foi ensinado. Esta padronização compõe a forma militar de ensino, a qual Roberto Kant de Lima (2003) classifica como característico do ensino militar que é centrado numa concepção de formação que se distancia do que seria uma aula voltada para a reflexão. Ocorre então um cenário de repetições mecânicas, semelhantes às descritas por Airton Edno Ribeiro (2009) no ensino da abordagem policial em São Paulo, fato que se manifesta na maioria das escolas militares e apenas incentiva a manutenção da imagem do negro como bandido.

Tais repetições que é a base metodológica normalmente aplicado na formação militar, no pensamento de Roberto Kant de Lima (2003), funcionam como uma espécie de reprodução da ideologia militar profundamente repressiva e punitiva, fato corroborado pelas assertivas de Fabio França (2012) que afirma que tal repressividade e punitividade em que o ensino militar se sustenta, conduz exatamente a retirar do aluno sua capacidade reflexiva.

Paralelamente, a música, o uso dos chamados vídeos clips que muitas vezes mostram, além de cantar, os problemas enfrentados pelo povo negro, podem e devem ser utilizados durante as aulas na abertura de novas temáticas e durante a construção destas, desde que buscando trabalhar a capacidade crítica do aluno por meio da quebra dos estereótipos negativos que a sociedade ainda associa ao negro e que o próprio policial militar acabar por fazer uso no seu trabalho. Com isso é possível utilizar som e imagem a fim de conduzir o aluno para a reflexão. O fato desses vídeos serem curtos contribuem para não perder o dinamismos das aulas e manter

os alunos atentos as reflexões necessários e podendo confrontar a imagem do negro, a partir de elementos como seu cabelo, cor e roupas comuns a sua cultura afro. Neste processo de formação, os integrantes da Polícia Militar trabalharão em sala de aula para que estereótipos permeados de desigualdade como do negro ser tido como potencial bandido por ser negro, sejam desvinculados da realidade destes profissionais ou ao menos que estes possam ser ressignificados de forma mais positiva, a partir de uma nova percepção ao desenvolver uma construção crítica dessa realidade. A questão não deve ser de assumir especificamente um lado como por exemplo ser contra ou a favor do negro, mas de refletir sobre a realidade que lhe é mostrada e interpretada cotidianamente como a realidade que de fato é vivida pelo negro no Brasil.

Trazer o Policial Militar em formação para o interior da cultura negra é uma forma lúdica de favorecer que erros contra o negro sejam corrigidos. De enxergar na posição contestadora impressas na forma de falar, de se vestir, de usar o cabelo, como uma forma de auto afirmação de uma cultura. Ao invés de buscar clarear sua cultura para fugir do impacto de suspeito (SILVA, 2009).

A música negra também pode aproximar o policial negro, diante daqueles que não se reconhecem, da sua história e os aproxima dos guetos para onde o povo negro acabou tendo que se acomodar. Lugar este que muitas vezes não é tão distante da realidade do policial negro que pode, mas não necessariamente deve, ter vindo da periferia e a depender do estado e da forma deste remunerar o serviço policial, viver na periferia.

Trata-se a música de uma forma de conter os formalismos militares, enaltecer uma cultura que parece negativa pela sua informalidade e liberdade (SILVA, 2009). De acordo com Paul Gilroy (2012, p. 208-209) sobre a música e sua importância cultural e afirmativa para o negro.

A música e seus rituais podem ser utilizados para criar um modelo pelo qual a identidade não pode ser entendida nem como uma essência fixa nem como uma construção vaga e extremamente contingente a ser reinventada pela vontade e pelo capricho de estetas, simbolistas e apreciadores de jogos de linguagem. A identidade negra não é meramente uma categoria social e política a ser utilizada ou abandonada de acordo com a medida na qual a retórica que a apoia e legítima é persuasiva ou institucionalmente poderosa. Seja o que for que os construcionistas radicais possam dizer, ela é vivida como um sentido experiencial coerente (embora nem sempre estável) do eu *[self]*. Embora muitas vezes seja sentida como natural e espontânea, ela permanece o resultado da atividade prática: linguagem, gestos, significações corporais, desejos.

A música é apenas uma alternativa que se bem aproveitada pelas unidades militares pode contribuir para uma releitura da educação bancária, conforme postula Paulo Freire (2008), que tão coerentemente se identifica no modelo formalista e acrítico pregado nas instituições policiais militares. Instituições em que o aluno apenas absorve conhecimentos vindos de um instrutor que não o conduz para a liberdade de questionar e construir uma visão realista do objeto tratado pelo conhecimento. Rever a visão que as polícias militares tem do negro pode salvar vidas não apenas de membros da comunidade negra, como também do próprio corpo policial.

Utilizada no início ou durante o processo da aula, pode a música contribuir para a discussão crítica entre os alunos. Construindo uma forma de interação aluno professor que ultrapassa as barreiras de meramente transmitir o conhecimento. Rompendo então com um das maiores críticas a formação militar brasileira que se refere ao pouco cultivo da racionalidade expressos no seguinte argumento: “sim senhor, não senhor”.

Metodologia

Ao buscar realizar uma pesquisa participante com alunos soldados do curso de formação de soldados da Paraíba no ano de 2015, durante a disciplina Diversidade étnico racial, buscando obter informações quanto a percepção destes alunos sobre temas envolvendo as questões raciais com ênfase no negro, foram realizadas oficinas que privilegiavam músicas com temática críticas sobre o racismo em que vídeos dessas músicas foram exibidos, bem como a letra foi disponibilizada para leitura dos alunos e imagens relativas a estas músicas. Nesta disciplina outros vídeos curtos com rápidos relatos de vida, vídeos com humor e forte crítica social e imagens de negros como por exemplo de retratos do pintor Rugendas que foram comparadas a

suas releituras através de novas imagens contemporâneas de seu trabalho. Estas outras formas de mecanismos, além da música também foram inseridas nas aulas, sem que no entanto sejam objeto direto desse trabalho que busca focar na música, sua letra e vídeos dos seus cantores.

As músicas quando utilizadas durante as aulas tinham suas letras repassadas para os alunos ou exibidas em data show, em seguida era disponibilizada para serem ouvida e ter os vídeos realizados pelos cantores que eram responsáveis por estas músicas exibidos simultaneamente. Está prática era utilizada tanto antes de um determinado tema, o introduzindo, como também como forma de se analisar aspectos diferentes que ora não eram tratados na ementa da disciplina, embora importantes. Se pretendia utilizar também durante a disciplina de forma a enfatizar determinados aspectos tratados nos conteúdos, mas infelizmente o tempo impossibilitou outras formas de implementação.

Numa segunda fase após o conhecimento da música, questões eram levantadas para que os alunos pudessem discutir. Dentre elas dúvidas sobre palavras utilizadas nas letras eram sempre o primeiro questionamento a ser levantado antes de discutir o conteúdo. Na discussão do conteúdo era proposto aos alunos esporem suas opiniões com relação aos temas abordados nas músicas, buscando sempre construir um elo entre o que estava presente na música ou nas imagens que era exibidas com a realidade por trás da música que tinham relação com a mensagem dela.

No caso da música Strange Fruit cantado por Billie Holiday foi exibida a letra da música na sua língua original e sua tradução para o português em data show. Perguntado aos alunos sobre dúvidas quanto a letra da música, em seguida está foi exibida em um vídeo onde a senhora Holiday cantava a música e também a música foi exibida sem imagens para que os alunos pudessem escutá-la de forma melhor, visto a gravação com a imagem da cantora conter alguns ruídos, para que assim os alunos pudessem prestigiar melhor a melodia da música. Posteriormente foi contado fatos relacionados a história da música que tinham importante relevância com o racismo, bem como foram exibidos Imagens na busca de fazer com que os alunos compreendessem a metáfora fruto estranho presente na letra da música. Posteriormente foi estabelecido uma discussão com os alunos sobre o enredo da música, em que era estimulado aos alunos expressarem suas opiniões. Strange Fruit, foi utilizada para iniciar um tópico da ementa que tratava sobre músicas negras.

Outra música utilizada foi mulheres negras de Yzalu. Nesta exibição foi distribuído com os alunos letras da música impressas. Perguntado aos alunos sobre dúvidas quanto a letra da música e retiradas estas dúvidas, em seguida foi exibido um vídeo em que Yzalu cantava com outra mulheres de sua banda. Aos alunos foi solicitado que marcassem na letra da música os aspectos que consideravam mais interessantes. Em seguida foi estabelecida uma discussão entre a letra da música e questões relativas ao feminismo negro, outro tema que acabou surgindo foi o cabelo que foi realçados pelos próprios alunos e que já havia sido discutido em outro momento na mesma disciplina em parte específica privilegiada pela ementa da disciplina. Dentro da questão do feminismo negro buscou-se tentar discutir com os alunos a dupla opressão que as mulheres negras passam, tanto pela cor como por serem mulheres. A música foi utilizado para tratar de um tema que infelizmente o material e a ementa não trazia que se referia ao feminismo negro, bem como pode ser utilizado para discutir também a questão das estética negra a partir do cabelo, que havia sido tema de aula anterior.

Havia a previsão de trabalhar outras músicas como Boa esperança cantada do Emicida que possui um vídeo clip muito interessante para discussão, a Carne cantada por Elza soares e a Carta a mãe África cantada pelo raper Gog com a participação de Ellen Oleria para aprofundar outros temas trabalhados em sala de aula, mas foi impossibilitado pela carga horária da disciplina.

É importante esclarecer que a disciplina foi ministrada para aproximadamente sessenta alunos de duas turmas diferentes, que foram unidas em uma única disciplina durante o transcorrer desta. Outro importante aspecto se refere ao fato do curso ter sido conduzido a partir de uma apostila construída pelos organizadores do curso para que as aulas fossem ministradas a partir deste material, entregue uma semana antes do início das aulas.

Resultados

Durante a exibição das músicas havia grande participação e curiosidade dos alunos para com o material a ser exibido. Em relação a música *Strange Fruit*, de início houve uma certa má vontade da turma para com a música que era uma música antiga cujo vídeo exibido era em preto em branco e com uma qualidade não muito boa. No entanto logo que ouviram a história da música e principalmente quando foi discutido a metáfora do estranho fruto e a realidade por trás desta metáfora. Foram observadas várias emoções e controvérsias enriquecedoras para a dinâmica da aula. Foi oportunidade de alguns alunos expressarem opiniões sobre o racismo no Brasil e nos Estados Unidos, e ainda foi possível discutir a música como manifestação crítica do racismo. Iniciando os estudos para a discussão sobre a música e a questão do negro em unidade especial da disciplina.

Com relação a música *mulheres negras*, a discussão se tornou muito interessante uma vez que os alunos em sua grande maioria homens não reconhecia a necessidade de se falar no racismo sobre a ótica do universo da mulher, pois para eles o racismo era igual para o homem e para a mulher. Tal situação conduziu a uma discussão em que vários aspectos do machismo presente nos alunos pode ser questionado.

De forma geral é possível afirmar que as músicas e o material utilizado para trazer-las a sala de aula contribuíram para que os alunos pudessem discutir o conhecimento que lhe era fornecido como meios facilitadores e enriquecedores das discussões. Tal fato chegou inclusive a ser enaltecido por um dos alunos na última aula sobre a importância da disciplina enquanto propulsora de criticidade na sala de aula, fato pouco explorado nas demais disciplinas e importante para o desenvolvimento deles no trabalho.

Considerações finais

O desinteresse dos alunos das Polícias Militares em conhecer outro universo como no caso do negro, em virtude do mito da democracia racial, pode e deve ser superado. Na medida que as letras e elementos que compõe a música negra de crítica social permite que a razão seja o elemento ao aproxima-los com a cultura negra, posto que a realidade do aluno enquanto profissional poderá ser confrontado com a dinâmica das rimas e das letras.

A própria música é um elemento desse outro universo que inclusive para alguns alunos pode ser parte do seu próprio universo em se tratando de policiais negros. Se aproximar dessa realidade é uma chance de quebrar paradigmas e poder enxergar de uma forma crítica e libertadora a relação policial com o negro. Uma vez que não se propõe apenas uma aproximação da racionalidade, mas com o diferente e estigmatizado pela categoria militar. Trata-se de permitir ao Policial Militar se questionar se realmente lhe cabe o papel de herói no confronto armado atual com a comunidade negra e pobre sobre os aspectos de uma educação libertadora e crítica para superar com tolerância essa realidade de guerra não declarada entre a Polícia Militar e o negro, sendo este último a vítima do estereótipo de bandido.

A música em si e isolada apenas como recurso de embelezamento na aula pode conduzir a uma não aceitação desta. O importante no trabalho foi contextualizar este recurso na realidade daqueles a quem ela se dirige como recurso de ensino. O uso do diálogo com vistas a estabelecer uma forma de racionalismo diante dos fatos surge como incentivo para que o aluno enxergue além do que o mito da democracia racial associado a meritocracia influencia na percepção dos alunos.

Durante as aulas era muito presente a noção de meritocracia presente no discurso da maioria, inclusive dos alunos que se reconheciam como negros. Tal realidade demonstra o quanto apenas utilizar o quadro e uma apostila torna o real sentido da disciplina que é conduzir para além do conhecimento, difícil. Também não é pretensão impor um pensamento definitivo na cabeça como se o racismo pudesse simplesmente ser retirado da cabeça de um adulto do dia para noite. O grande objetivo é buscar reconstruir, fazer pensar, deixar na cabeça do aluno ao menos uma interrogação que faça com que ele reflita de fato sobre o racismo e suas implicações na sociedade; pois mesmo que o aluno não concorde com as cotas por exemplo, ele possa entender o motivo porque elas estão ali e como as pessoas que podem ser beneficiadas por ela se sentem e podem mudar suas vidas através dela.

Referências

BASTIDES, Roger; FERNADES, Florestan. **Branços e negros em São Paulo**. 3ª edição. V. 305. São Paulo, Editora Nacional, 1971.

FRANÇA, Fabio. Segurança pública e a formação policial militar: os direitos humanos como estratégia de controle institucional. **Estudos sociológicos**, Araraquara, v.17, n.33, p.447-469, 2012.

FREYRE, Gilberto. (1933), **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro, Schimidt.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34. 2012.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Cursos de Estética**. São Paulo: EDUSP, 2001, vol.1.

KANT DE LIMA, Roberto. "Direitos civis, estado de direito e "cultura policial": a formação policial em questão". In: **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, nº 41. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2003, jan-mar, p. 241-256.

MAHEIRIE E HINKEL; Jaison, Kátia. Rap – rimas afetivas da periferia: reflexões na perspectiva sócio-histórica. **Psicologia & Sociedade**; 19, Edição Especial 2: 90-99, 2007.

PONCIONI, Paula. Tendências e desafios na formação profissional do policial no Brasil. In.: **Revista Brasileira de Segurança Pública**, São Paulo, Ano 1, Ed. 1. 2007.

RIBEIRO, Airton Edno. **A relação da Polícia Militar paulista com a comunidade negra e o respeito à dignidade humana**: a questão da abordagem policial. 2009. 127 f. Dissertação (Mestrado em educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

SAPORI, Luís Flávio. **Segurança pública no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**: cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SILVA, Gilvan Gomes da. **A lógica da Polícia Militar do Distrito Federal na construção do suspeito**. 2009. 187 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) -Universidade de Brasília, Brasília, 2009.